

## **PADRÕES DIFUSOS DE GÊNERO NO FUTSAL FEMININO:** um relato de experiência no PIBID em educação física na Universidade Federal do Ceará

SANTOS, Joany Vitória Vieira <sup>1</sup>  
CORDEIRO, Lucas Luan de Brito <sup>2</sup>  
SANCHES NETO, Luiz <sup>3</sup>

**RESUMO:** Ao examinar a imposição de padrões de gênero na educação física escolar, em particular no contexto do futsal, é notório um ambiente marcado por estereótipos que marginalizam as mulheres. Por meio de um relato de experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), procura-se abordar e refletir sobre essas questões. A metodologia envolveu análise retrospectiva de um torneio interclasse, que revelou baixo interesse das alunas pelo futsal devido ao ambiente predominantemente masculino, refletindo estereótipos de habilidade e capacidade física. A organização hierárquica no intervalo reforçou esses padrões, dificultando o acesso das estudantes aos espaços. A criação de dois times femininos de futsal durante o interclasse exigiu modificações nas normas para permitir a participação de alunas de diferentes turmas. No entanto, a gestão escolar culpabilizou as estudantes pela falta de ocupação dos espaços esportivos, ignorando os fatores estruturais que contribuem para essa problemática. É crucial uma ação conjunta para desconstruir preconceitos e promover espaços mais democráticos, como proposto por Silva (2023). Chegou-se à conclusão de que a educação física pode ser uma ferramenta benéfica para fomentar equidade de gênero na escola, desde que sejam empregadas estratégias educacionais que fomentem a autoconfiança das alunas e superem os estereótipos de gênero. Isso requer maior apoio da gestão escolar e iniciativas que envolvam subjetivamente e incluam a participação objetiva das estudantes nos espaços esportivos, promovendo debates sobre mulheres no esporte e reservando horários e espaços para elas. Essas ações são fundamentais para incentivar a participação das meninas em todas as modalidades esportivas.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; educação física escolar; estereótipos.

### **1 INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Bolsista do PIBID em Educação Física — Universidade Federal do Ceará — UFC — joanyvitoria30@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em Educação Física — ProEF — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará — IFCE — lucasluan.brito@educacao.fortaleza.ce.gov.br

<sup>3</sup> Coordenador do PIBID e do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional — ProEF — Universidade Federal do Ceará — UFC — luizsanchesneto@ufc.br

“Não se nasce mulher, torna-se mulher” — Essa famosa frase, dita pela escritora feminista Simone de Beauvoir em sua obra “O segundo Sexo”, trata de uma análise sobre as opressões sofridas pelas mulheres e como tudo é socialmente imposto ao/à sujeito/a desde o seu nascimento, seguindo os padrões do que é aceito como feminino e do que é masculino.

Dentro da educação física escolar também são impostos padrões de gênero. De acordo com Silva (2022), práticas mais vigorosas são vistas como “masculinas” e práticas menos vigorosas ou mais delicadas são tidas como “femininas”. Quando existe uma quebra desse padrão, em que uma menina faz uma prática tida como masculina, como jogar futsal por exemplo, logo é questionada sobre sua sexualidade e/ou caracterizada como masculina. Esses comportamentos desviados dos padrões fazem com que questões como a sexualidade sejam questionadas, reproduzindo desigualdades entre os/as sujeitos/as (LOURO, 2014; GOELLNER, 2010; LINS, MACHADO, ESCOURA, 2016).

Trazemos como exemplo neste relato de experiência vivenciado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) — que é um programa de fomento ao processo formativo das/os licenciandos/as — uma situação em que esses pensamentos ainda permeiam o ambiente escolar. O presente trabalho parte da visão da primeira autora, bolsista do PIBID em educação física a respeito de experiências em uma escola pública de ensino médio localizada no bairro do Conjunto Ceará, em Fortaleza, com o intuito de gerar debates e soluções acerca do assunto abordado.

Dentro da realidade supracitada, o objetivo principal é problematizar as questões de gênero enfatizando o porquê do apagamento feminino nas aulas de educação física, mais precisamente no tratamento pedagógico do elemento cultural futsal, em situações de aprendizagem vivenciadas na escola. A partir disso, procuramos debater com a professora de educação física — supervisora do PIBID — e a gestão (direção e coordenação, composta por profissionais da educação tanto homens como mulheres) da escola. A gestão visivelmente teve um posicionamento passivo e nos deu pouca abertura para discutir a importância do tema, que poderia gerar incômodo ao confrontar uma estrutura que os/as gestores/as estavam acostumados.

## 2 METODOLOGIA

Com base em uma análise retrospectiva das aulas, durante e após a realização do torneio interclasse, os/as pibidianos/as conversaram com a professora supervisora do PIBID e a gestão. De acordo com a gestão da escola, estão matriculadas 450 alunas nos turnos da manhã e tarde. Foi observado que durante o interclasse, poucas alunas se mobilizaram para participar das modalidades que foram ofertadas (voleibol, handebol, basquetebol, futsal e carimba), destacando o baixo interesse pelo futsal. Muitas estudantes manifestaram apreço pelo futsal, mas por ser um espaço predominante de meninos elas se isentam da prática e não têm a sensação de pertencimento quando a aula é voltada para esse elemento cultural, por medo de alguma violência, crítica ou insultos advindos dos alunos.

Daolio (1995) exemplifica isso com uma experiência pessoal como educador, durante uma partida de voleibol mista, em que uma jovem se desvaloriza ao questionar: "O que me leva a ser uma anta?", questionando-se após falhar em um saque. Sugere-se que por trás dessa afirmação está a insatisfação de todas as mulheres em relação à suposta superioridade física dos homens. Daolio enfatiza que, em média, os homens tendem a ser mais corajosos fisicamente, arriscam-se mais e demonstram mais ousadia do que as mulheres, o que, em média, os torna menos propensos a serem rotulados como "antas". Realmente, a combinação de estímulos à força física e uma variedade maior de vivências motoras proporcionados aos jovens resulta em sua percepção de serem menos inábeis em atividades corporais em geral (Silva, 2023).

Na escola, é frequente observar uma dinâmica hierárquica em que os alunos costumam liderar nos intervalos, ocupando principalmente as áreas destinadas às atividades físicas. Esses padrões impactam a associação entre tipos de corpos e movimentos e os diferentes gêneros (WENETZ; STRIGGER, 2006).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise, houve a princípio a construção de um edital para o interclasse, formalizando todas as regras, modalidades — alusivas ao esporte e ao jogo como elementos culturais — e quantidade de jogadores/as por time, e que cada

equipe deveria ser composta por estudantes da mesma turma. Logo após o lançamento do edital, foi aberto um período de inscrições para os times que iriam participar do torneio; porém, foi necessária uma mudança no edital referente a times de futsal feminino, já que as alunas não tinham conseguido formar nenhum.

A mudança consistiu em alterar a regra que permitia apenas estudantes da mesma turma na construção do time, sendo permitida a inclusão de outras turmas. Depois dessa alteração, foram formados dois times de futsal feminino, sendo um deles pertencente às estudantes do turno da manhã e outro da tarde. Foi necessário misturar meninas do primeiro, segundo e terceiro ano para formar ambos os times, que se enfrentaram, visto que não havia outras equipes competindo no torneio.

Em conversas com a professora supervisora juntamente com a gestão da escola, foi questionada a possibilidade de ambientes mais democráticos para as alunas, para que elas tivessem espaço e pudessem colocar-se como protagonistas. A gestão, por sua vez, não deu apoio à professora, mencionando que as meninas não tinham espaço delas porque não queriam usar, porque demoravam a chegar na quadra e, quando chegavam, a quadra já estava ocupada pelos meninos, pois eles demonstravam mais interesse. Foi percebido que a culpabilização pela falta de ocupação dos espaços pelas alunas recaiu sobre elas mesmas, sem considerar os diferentes fatores que levam a essas problemáticas.

Nesse sentido, é necessária uma intervenção conjunta buscando algo já apontado por Souza Junior (2020, p. 158):

“Permitir que os alunos protagonizem a construção de suas identidades enquanto escolhas com vistas a viver em um mundo mais justo e com respeito às diversidades pressupõe, portanto, professores(as) comprometidos com uma atuação política que desconstrua os preconceitos e as relações assimétricas e hierarquizadas pautadas por critérios normativos que tem imperado na sociedade de uma maneira geral e na instituição escolar em particular”.

Desse modo, as aulas de educação física da escola são totalmente comandadas pelos alunos, mesmo que a professora se posicione e tensione, ainda assim existe medo por parte das alunas. Por mais que de acordo com a LDB não seja obrigatória a separação de meninos e meninas nas aulas de educação física, ainda é visível esse afastamento de gênero — baseado numa aceção biológica do

sexo — como na separação de espaços e modalidades adequadas para cada um (MARTINS; VASQUEZ; MION, 2022).

Para contextualizar o porquê das meninas isentarem-se das práticas, a escola não tem qualquer política de inclusão. Todos os intervalos, tanto da manhã quanto da tarde, na quadra e nos demais ambientes abertos para outros tipos de práticas como futsal, futmesa e tênis de mesa é visível a dominância masculina.

É necessário fomentar dinâmicas instigantes durante as aulas e para além delas, que incluam períodos de análise reflexiva e discussão, de modo que os/as alunos/as possam avaliar de maneira crítica a realidade e detectar os sistemas de alienação, exclusão e opressão que afetam as mulheres. Isso proporcionará tanto aos/às professores/as quanto aos/às alunos/as a chance de identificar esses temas, elevar sua consciência e participar ativamente na batalha contra essas formas de discriminação e opressão (ROCHA, 2023).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Utilizando a educação física como ferramenta para fomentar a equidade de gênero na escola, é fundamental criar e implementar estratégias educacionais que ajudem as meninas e mulheres a fortalecer sua autoestima e a transcender as restrições que afetam suas habilidades motoras. É preciso apoio maior da gestão para, juntamente com a professora supervisora e os/as bolsistas do PIBID, pensar possibilidades de atrair as alunas para lugares onde elas podem estar presentes. Por exemplo, é possível ampliar o envolvimento intersubjetivo das estudantes por meio de debates sobre mulheres no esporte, atividades no contraturno, ter a quadra reservada para elas nos horários de intervalo entre as aulas e, assim, incentivar a participação objetiva delas tanto no futsal quanto em qualquer outra modalidade esportiva ou qualquer outro elemento cultural. Além disso, como apontado por Lima *et al.* (2020), é importante às alunas a busca por estímulos motores cada vez mais complexos a fim de garantir a equidade nas oportunidades de aprendizagem desde a educação infantil até o ensino médio, confrontando tabus associados ao corpo e ao gênero.

#### **REFERÊNCIAS**

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Papirus Editora, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, Campinas-SP, v. 1, n. 2, pp. 71-83, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 23 mar. 2024.

LIMA, Cyntia Emanuele Souza; FERREIRA, Emmanuelle Cynthia da Silva; SANCHES NETO, Luiz; VENÂNCIO, Luciana. Breaking cultural “taboos” about the body and gender: Brazilian students’ emancipation from a thematic perspective of school physical education. **Frontiers in Education**, Lausanne, v. 5, n. 1, pp. 1-8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/feduc.2020.00155>. Acesso em 23 mar. 2024.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: **Reviravolta**, 2016.

LOURO, Guaracira Lopes. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 23 mar. 2024.

MARTINS, Mariana Zuaneti; VASQUEZ, Vitor Lacerda; MION, Maria Paula Louzada. Associações entre gênero, classe e raça e participação nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, 2022. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/14986>. Acesso em: 23 mar. 2024.

ROCHA, L.L. **“Respeita as mina”**: o ensino do skate na educação física escolar. Orientadora: Maria Eleni Henrique da Silva. 2023. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SILVA, Leandro de Carvalho da. **Entre situações-limite e inéditos viáveis:** problematizando as desigualdades de gênero nas aulas de educação física. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional) – Universidade Federal de São Carlos-SP, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18002>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. Educação física escolar e a questão de gênero. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL-MASSO, Maria Candida Soares (orgs.). **Desafios da educação física escolar:** temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

WENETZ, Ileana; STIGGER, Marco Paulo. A construção do gênero no espaço escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, pp. 59-80, 2006. Disponível em: . Acesso em: 23 mar. 2024.